

“CONSTRUINDO MUNDOS MELHORES”: CRISE DA MODERNIDADE CAPITALISTA-CIENTÍFICA COM A MEGAEMPRESA WEYLAND-YUTANI DA FRANQUIA ALIEN (1979-2017)

“Building better worlds”: crisis of capitalist-scientific modernity with the weyland-yutani mega-company from the Alien franchise (1979-2017)

“Construyendo mundos mejores”: crisis de la modernidad capitalista-científica con la megaempresa weyland-yutani de la franquicia alien (1979-2017)

Savio Queiroz Lima¹

Resumo: O presente trabalho apresenta a crítica à Crise da Modernidade Capitalista-Científica presente na Ficção Científica cinematográfica da franquia Alien. Desde o filme inaugural, Alien (1979), a chamada Companhia se faz presente e representa os interesses escusos que fomentam as adversidades e perigos vividos pelos personagens na narrativa de terror e ficção científica. Como críticas pós-modernas, as narrativas de Ficção Científica tendem a apresentar os interesses industriais e militares do regime capitalista neoliberal como os grandes responsáveis das agruras motrizes das histórias. São as interferências da fictícia megaempresa Weyland-Yutani, central à franquia cinematográfica Alien (1979-2017), que estimulam as emergências envolvendo os interesses militares-armamentistas diante da forma de vida alienígena chamada xenomorfo, através de diversas alegorias que fazem da megaempresa uma assombrosa monstruosidade do capitalismo. Dentre diversas questões, as produções ficcionais transcrevem as críticas à concepção moderna de progresso da ciência e seu fracasso pela corrupção capitalista, em voga na crítica do campo econômico às multinacionais durante a segunda metade do século XX. A pesquisa propõe parte de análise dos discursos e representações presentes nas narrativas fílmicas e as possibilidades de diálogos com o contexto sociopolítico crítico à globalização do capitalismo. Sua instrumentalização pode servir ao debate de História Pública ou mesmo de Ensino de História Política para a produção de criticidade.

Palavras-chaves: Pós-Modernidade. História e Ficção. História e Cinema. Alien. Weyland-Yutani.

Abstract: This paper presents a critique of the Crisis of Capitalist-Scientific Modernity in the science fiction film franchise Alien. Ever since the inaugural film, Alien (1979), the so-called

¹ Mestre em História, doutorando no PPGH da UFRGS, Salvador, Bahia, Brasil. E-mail: savio_roz@yahoo.com.br; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2259154509625498>; Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-1167-5639>.

Company has been consolidated and represents the shady interests that foster the adversities and dangers experienced by the characters in the horror and science fiction narrative. As post-modern critiques, science fiction narratives tend to present the industrial and military interests of the neoliberal capitalist regime as the main culprits behind the hardships that drive the stories. It is the interference of the fictional Weyland-Yutani mega-company, central to the Alien film franchise (1979-2017), that stimulates emergencies involving military-armament interests in the face of the alien life form called xenomorph, through various allegories that turn the mega-company into an astonishing monstrosity of capitalism. Among various issues, the fictional productions transcribe criticisms of the modern conception of scientific progress and its failure due to capitalist corruption, in vogue in the economic field's criticism of multinationals during the second half of the 20th century. The proposed research is based on an analysis of the discourses and representations presented by the film narratives and the possibilities for dialogue with the socio-political context critical of the globalization of capitalism. Its instrumentalization can serve the debate of Public History or even the Teaching of Political History for the production of criticality.

Keywords: Postmodernity. History and Fiction. History and Cinema. Alien. Weyland-Yutani.

Resumen: Este artículo presenta una crítica de la Crisis de la Modernidad Capitalista-Científica en la franquicia cinematográfica de ciencia ficción Alien. Desde la película inaugural, Alien (1979), la llamada Compañía ha estado presente y ha representado los turbios intereses que fomentan las adversidades y peligros que experimentan los personajes en la narrativa de terror y ciencia ficción. Como críticas posmodernas, las narrativas de ciencia ficción tienden a presentar los intereses industriales y militares del régimen capitalista neoliberal como los principales culpables de las penurias que impulsan las historias. Es la interferencia de la megaempresa ficticia Weyland-Yutani, central en la franquicia cinematográfica Alien (1979-2017), la que estimula las emergencias que involucran los intereses militares-armamentistas frente a la forma de vida alienígena llamada xenomorfo, a través de diversas alegorías que convierten a la megaempresa en una asombrosa monstruosidad del capitalismo. Entre varios temas, las producciones ficcionales transcriben críticas a la concepción moderna del progreso científico y su fracaso debido a la corrupción capitalista, en boga en la crítica del campo económico a las multinacionales durante la segunda mitad del siglo XX. La investigación propuesta se basa en el análisis de los discursos y representaciones presentes en las narrativas cinematográficas y las posibilidades de diálogo con el contexto sociopolítico crítico de la globalización del capitalismo. Su instrumentalización puede servir al debate sobre la Historia Pública o incluso a la Enseñanza de la Historia Política para producir criticidad.

Palabras clave: Postmodernidad. Historia y ficción. Historia y cine. Alien. Weyland-Yutani.

Introdução

Há uma evidente possibilidade crítica à crise da promessa da modernidade na conexão entre avanço científico e perspectiva capitalista na franquia Alien. A ficção científica nos apresenta um exercício imaginativo sobre um futuro possível, dentro dos parâmetros de verossimilhança com a realidade concreta. Acompanhar as narrativas de terror cósmico em seu ponto mais significativo, no amplo ambiente da indústria cultural de entretenimento. E é a

personagem-produto, a megaempresa Weyland-Yutani, chamada de “companhia”, que nos fornecerá, neste exercício intelectual crítico, os dados para se pensar a representação da ameaça capitalista ao mundo.

Este trabalho é parte de um projeto de mapeamento de empresas que são personagens-produtos de franquias de ficção científica dos anos 1980. A proposta é avaliar as representações e discursos que produzem tais alegorias, através de imaginários que são pontos de críticas. Ainda que seja a primeira das investidas nesse sentido de esquematizar tais estruturas, não o faz sem alicerces seguros. A esta análise crítica são caros os artigos: *Amazonas, Ciborgues e outros Gêneros: Propostas Educativas aos Estudos de Gênero e História Através da Ficção (Histórias em Quadrinhos e Cinema)*, publicado em 2019 nos Anais do V Seminário de História Política ocorrido na cidade de Salvador em 2017; *O Estupro de Homens em Alien: Metáforas de Estupro Masculino e Violência de Gênero na Franquia (1979-1992)*, publicado em 2021 nos Anais do VI Seminário de História Política de 2019, na mesma cidade; e “*É um Dragão!*”: *Alegorias Medievais na Ficção Científica Alien*³ (1992), publicado em 2022 nos Anais da XV Semana de História Política ocorrido na cidade do Rio de Janeiro no mesmo ano.

Com essa bagagem teórico metodológica, foi seguro avançar com os questionamentos que recaem sobre a produção cinematográfica específica. O trato filmográfico, transformado de aparato técnico ou mesmo de produto de entretenimento da indústria cultural para aparato científico e historiográfico, se vale de uma consciente mudança de objeto: As representações da empresa-personagem-produto chamada Weyland-Yutani, frequente na franquia Alien, pivô de crises da ficção científica em questão. Mesmo um olhar fugaz, superficial, ligeiro pela experiência cinematográfica, é perceptível o local existencial referencial da companhia no contexto histórico da representação na segunda metade do século XX, fazendo este trabalho debruçar sobre os discursos e representações como sintomas.

Alguns instrumentos metodológicos e conceituais nos serão profícuos para a elaboração da abordagem crítica da franquia Alien. Entender, num primeiro momento, onde os conceitos como modernidade, crise e fracassos de promessas do regime capitalista e dos campos científicos se reflete na imaginação narrativa. Abordar as fontes com critérios argumentativos críticos, a partir, principalmente, das três primeiras obras cinematográficas: *Alien* (1979), *Aliens* (1986) e *Alien*³ (1992), e como se dão as relações entre a empresa

capitalista fictícia Weyland-Yutani e os seres humanos que orbitam, quer pelo processo trabalhista ou não, seu campo de controle.

Promessas de Mundos Melhores

Dentre as tipologias narrativas, a Ficção Científica se configura como tendenciosa a produzir, através de representações distópicas, críticas às sociedades. As críticas pós-modernas existentes em suas narrativas são frutos de uma longa estrada de expectativas frustradas que estão latentes desde o século XIX. O tabuleiro mais proativo desse movimento contestatório é o da Literatura, que produziu narrativas imaginativas para alertar seu público leitor dos perigos e tragédias que as promessas não cumpridas das autoridades intelectuais e científicas geram ou podem gerar.

Tomemos significativo exemplo dessas produções discursivas de ressentimento com os desígnios do conhecimento científico através da ficção ocidental. Se o futuro, em construção, é o recorte temporal que promove conselhos para a modernidade (KOSELLECK, 2006, p. 58), tirando do passado e da tradição essa possibilidade e autoridade, a Literatura vai expressar a frustração com a experiência moderna fracassada da promessa burguesa de progresso (TOURAINÉ, 2002, p. 109-113). Surge, assim, uma produção Literária que já acusa as rachaduras e bolores do ideário racionalista da modernidade, por exemplo, com *Frankenstein: or The Modern Prometheus* (1818-1831), de Mary Shelley, transferindo a inquietação e a decepção com as expectativas oferecidas pelo Iluminismo e pela burguesia liberal.

É pertinente que se façam as devidas definições conceituais a que a esta reflexão serão caras. Por modernidade, dentre de toda imensidão plurívoca, se entende, aqui, o projeto de racionalização da estrutura social e política do mundo (COGGIOLA, 2021, p. 4-6). A razão, neste caso, sobrevém da elevação das ciências como regência do mundo social, que terá em sua crise a seiva fomentadora da crítica deste trabalho. A representação, aqui, coaduna enquanto eixo a interpretação de ausência preenchida pela presença performática da ideia de objeto (SANTOS, 2014). Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/28974>.), que neste caso é a realidade social construída historicamente, quer seja para a compreensão do passado ou a apropriação que a ficção faz de forma alegórica.

O aparato técnico e científico avança dentro de suas estruturas e perspectivas, atualizando suas sedutoras promessas, adaptando-se a novos contextos históricos. As duas

grandes guerras, Primeira Guerra Mundial e Segunda Guerra Mundial, entretanto, expuseram os ossos do fracasso humano, ainda que a eficiência de morte assine o sucesso estatal-militarista-científico-armamentista. Novamente a Literatura ofertou bases críticas às guerras, como no caso de *Johnny Got His Gun*, de Dalton Trumbo, obra publicada em setembro de 1939. A inquietação de Trumbo está na violência que a tecnologia apropriada para a indústria armamentista, então promovendo o contrário da promessa da razão e do progresso. A realidade social e política é por onde a ficção tece seu posicionamento político e ideológico, quer o faça diretamente com seus elementos reconhecíveis, quer se valha de toda inventividade criativa para expor em metáforas e alegorias tais elementos agora transformados.

Muitas produções cinematográficas fizeram críticas às inserções do militarismo e sua apropriação do campo de produção tecnológica. O suporte cinematográfico alcança um público mais amplo, a depender da espectralidade (BAMBA, 2013, p. 25 e p. 50). Mas, como alicerce argumentativo aqui pertinente, tomemos alguns exemplos de narrativas textuais e representativas fílmicas que apontam criticamente as crises culturais e morais que envolvem a política conservadora. O filme *The Day the Earth Stood Still* (1951), dirigido por Robert Wise, vislumbra a crítica à ameaçadora proposta belicista da Guerra Fria. *Johnny Got His Gun* (1971) é a produção fílmica do romance de Trumbo, já mencionado; dirigido por ele. Enquanto *Starship Troopers* (1997) é um caso bastante especial, pois a proposta cinematográfica vai na contramão ideológica de sua base literária: O romance de Robert A. Heinlein tem tom apologético ao militarismo e ao fascismo, ponto de grande debate entre críticos²; o filme de Paul Verhoeven é uma crítica irônica a esses elementos, alertando a constante ameaça de um Estado Totalitário militarista.

Mas o ponto de latência da investigação neste texto é a face empresarial vilanesca das narrativas ficcionais de filmes de ficção científica e terror. A ficção, com pontual inquérito para a Ficção Científica, parece alistar-se à demanda que Walter Benjamin, com notório pessimismo, descreve como “a faculdade de intercambiar experiências” (BENJAMIN, p. 198) que a modernidade condenou. Empresas diversas ilustram a relação de verossimilhança com a realidade corporativa capitalista: A *Tyrell Corporation* no filme *Blade Runner* de 1982,

² Um capítulo inteiro se dedica a tratar do filme no livro *The Science Fiction Handbook* (BOOKER; THOMAS, 2009, p. 214), comentando a questão, mas é o artigo *SS Troopers: Cybernostalgia and Paul Verhoeven's Fascist Flirtation*, de Jeffrey CASS (1999, pp. 51-63) que mais se dedica à crítica.

dirigido por Ridley Scott; a *Omni Consumer Product (OCP)*, central na franquia desde o primeiro filme, *Robocop*, dirigido por Paul Verhoeven, de 1987; a *Cyberdyne Inc.*, presente a partir do filme *The Terminator* de 1984, dirigido por James Cameron. Em todos esses casos, é produzida a crítica à Crise da Modernidade Capitalista-Científica, através da concepção moderna de progresso da ciência e as crises sociais e econômicas promovidas pela globalização do capitalismo.

A sombra da empresa Weyland-Yutani está marcadamente presente na trilogia fundante da franquia *Alien*, como frio espectro industrial capitalista. A escolha em apenas três dos filmes em que os personagens produtos aparecem tem seu fundamento metodológico, pois é parte do cânone aceito pela indústria em conformidade com o público consumidor e a base de fãs, com a empresa-personagem marcadamente presente. Há, também, o confortável recorte à tipologia de fonte, produções cinematográficas, para organizar os instrumentos analíticos e delimitar o campo de atuação da crítica. Outros produtos podem ser centrais em análises futuras com recortes mais específicos ou mesmo trânsito do interesse de debate.

Alien, filme de 1979, dirigido por Ridley Scott, inaugura a franquia e é onde já surge a empresa Weyland-Yutani. A política de gênero e sexualidade, suas violências e disparidades, existente no campo metafórico da narrativa em *Alien* tem intencionalidade:

Seus idealizadores, roteiro e direção, pretenderam uma narrativa de suspense de ficção científica onde a personagem principal confrontasse posturas sexistas e que a violência da criatura alienígena fosse uma referência direta à violência sexual, porém, contra homens (LIMA, 2019, p. 238).

Mas o ponto em questão envolve as relações dos personagens da trama com a fictícia companhia escolhida para esta reflexão diz respeito às questões de exploração e produção. O *thriller* futurista narra a trágica mudança de rota em uma nave-cargueiro, ao estilo de caminhoneiros espaciais, para verificar um sinal incógnito (LIMA, 2021, p. 190). As decisões são tomadas de forma remota e artificial pelo computador da “companhia”, como a corporação Weyland-Yutani é chamada.

O desvio de rota e a ordem de atracar em um planeta desconhecido fazem com que o roteiro nos apresente um cotidiano trabalhista instável. Brett³ e Parker⁴ são os personagens representantes da classe mais baixa de trabalhadores presentes na nave. Seus discursos

³ Interpretado pelo ator estadunidense Harry Dean Stanton.

⁴ Interpretado pelo ator estadunidense Yaphet Kotto.

envolvem descontentamentos com questões salariais e contratuais, acusando níveis diferenciais de exploração dos trabalhadores envolvidos e a precarização deste trabalho com as arbitrariedades da empresa. Como a própria protagonista deixa a entender, ainda existe uma legislação trabalhista que busca proteger a classe⁵. Depois de colocar a todos em risco com a exposição a uma forma de vida alienígena, a empresa Weyland-Yutani ainda faz uso de um agente infiltrado, uma forma de vida artificial, o androide Ash⁶, contra a autonomia e consciência dos trabalhadores explorados, como a protagonista Ripley⁷.

Alguns pontos são reconhecíveis, fazendo a imaginativa ficção refletir através de alegorias as crises nas relações de exploração do trabalho no regime capitalista. A objetificação do trabalhador em *Alien* é demarcada por uma linha precisa onde a morte de trabalhadores é um caminho para a obtenção de um produto, o corpo alienígena. Os temas da realidade especulativa da ficção não são novos, pois a tecnologia (quer seja a mecânica das viagens espaciais ou as manipulações da vida extraterrestre) como grilhão às classes subalternas de trabalhadores é central na ficção *Metropolis*, de 1929, dirigida por Fritz Lang, que, como em *Alien*, o ser humano da classe trabalhadora “se ‘coisifica’ e se torna um recurso produtivo para a empresa que em nada parece se diferenciar das máquinas que opera” (MELLO; MARÇAL; FONSÊCA, 2009, p. 313).

A continuação consegue ampliar a crítica e deixar a representação e o discurso mais explícito. Em *Aliens*, de 1986, sob direção de James Cameron e roteiro dividido com David Giler e Walter Hill (LIMA, 2021, p. 195), o eixo Capitalismo-Militarismo tensiona a crise na ficção. A protagonista, Ripley, precisa se unir a Weyland-Yutani e um grupo de militares para confrontar a ameaça xenomorfa⁸ no planeta de origem, agora colonizado pela companhia. A colônia que é usada como cobaia aos experimentos biológicos da companhia é uma cidade de trabalhadores em sua alienação máxima: a perda de suas vidas para uma ninhada de criaturas. É a expressão ficcional, mas nem por isso distante de uma realidade de precarização, de superexploração do trabalho (MARINI, 2017, p. 334), onde seu valor não é mais apenas por

⁵ Quando Parker e Brett questionam sobre os dividendos da mudança de rota e das imposições da companhia, a personagem Ripley responde aos colegas: “não se preocupe, Parker, você receberá o que quer que esteja vindo para você” (*don't worry, Parker, you'll get whatever's coming to you*) e completa: “Brett, por lei você tem a garantia de receber uma parte” (*Brett, you're guaranteed by law to get a share*). A cena ocorre quando Ripley desce até a área mais técnica para acompanhar o trabalho de Brett e Parker.

⁶ Interpretado pelo ator britânico Ian Holm.

⁷ Interpretada pela atriz estadunidense Sigourney Weaver.

⁸ Como a criatura alienígena da franquia é chamada a partir do segundo filme, *Aliens*, em citação direta do personagem Tenente Gorman, interpretado pelo ator canadense William Hope.

sua força produtiva, mas pela possibilidade que sua morte gera em êxito para com o produto biológico alienígena.

Algumas mudanças significativas ampliam as possibilidades críticas sobre a representação do Capitalismo-Militarismo através das classes e categorias. Os caminhoneiros espaciais do primeiro filme dão lugar para os fuzileiros espaciais (LIMA, 2021, p. 197), bem aos moldes de *Starship Troopers*, compondo a nova trama. O infiltrado da companhia é invertido, não sendo mais um ser humano sintético, um androide, mas, então, Carter Burke⁹, um executivo em ascensão esperançoso em atender a agenda oculta da empresa. Diferente de um instrumento artificial de vigilância e controle, o androide deste capítulo, Bishop¹⁰, apresenta-se como de grande utilidade, nos permitindo o vislumbre, através da ficção, do debate sobre robótica e inteligência artificial auxiliares às demandas humanas.

A presença da empresa é mais do que um mero pano de fundo, inclusive nos quesitos estéticos e éticos. Há um destaque visual e irônico ao slogan da Weyland-Yutani Corp: *Building Better Worlds*¹¹. Tal alegoria nos direciona a atenção para as disparidades discursivas que uma instituição capitalista promove em sua propaganda moral e na moralidade de seus atos e projetos. As transformações nas estruturas de controle do capitalismo industrial hegemônico da Weyland-Yutani são adequadas às temporalidades da ficção, ainda que se sustentem enquanto metáforas alegóricas representativas de suas atualidades. Dessa forma, entre *Alien*, ocorrido no ano 2122, e *Aliens*, datado em 2179, nos conforta a questão de processo construtivo e transformador da empresa de seus modelos. No referencial da realidade concreta, as empresas também sofreram transformações dentro do próprio regime capitalista, de empreendimentos industriais e comerciais modernos de destino manifesto ao lucro do modelo chandleriano (CHANDLER Jr, 1962, p. 8), até seu momento neoliberal globalizado dos anos de 1980 através do poder corporativo sobre o Estado (HATHAWAY, 2020).

Os tentáculos da megacorporação no que outrora repousava como garantia do Estado, se manifesta flagrantemente em *Alien*³, de David Fincher, lançado em 1992. A trama nos apresenta a continuação de *Aliens*, com o protagonismo de Ellen Ripley em um planeta prisão medieval-industrial após acidente com a nave de fuga emergencial (LIMA, 2022, p. 931). Privatização e Descaso com o Sistema Prisional estão presentes no cenário-contextos da

⁹ Interpretado pelo ator estadunidense Paul Reiser.

¹⁰ Interpretado pelo ator estadunidense Lance James Henriksen.

¹¹ Traduzido como “construindo mundos melhores” (LIMA, 2021, p. 195).

trama, pois o planeta Fiorina “Fury” 161, onde a companhia Weyland-Yutani controla a extração e refino de minérios, é uma unidade correcional de trabalho, para indivíduos perigosos. O planeta é uma mineradora e um presídio, ambos administrados pela companhia, setores diversos conectados em uma cadeia de produção de propriedades dos bens, da exploração do ambiente natural e dos meios de trabalho. Se não é um capitalismo puro, exercendo seu domínio hegemônico, é, ao menos, um sistema-regime atuante longe das jurisdições de um Estado e sobre a categoria dos monstros, da tradição jurídico-científica (FOUCAULT, 2001, p. 79).

Nesta ficção científica carregada de dispositivos reconhecíveis de medievalidades, duas categorias de monstros são interessantes para a Weyland-Yutani. Por dispositivos de medievalidades (LIMA, 2019) são entendidos os sentidos, discursos e representações que a ficção científica futurista apropria-se por empréstimo da ficção histórica do passado eurofeudal (LIMA, 2022, p. 937). O alienígena é descrito como um “dragão” e os internos, homens portadores de um transtorno genético chamado de Duplo-Cromossomos Y, são monstros sociais. Ao regime capitalista, ambos são produtos a serem explorados, em seu biopoder ou em sua força de trabalho, e que a Weyland-Yutani faz de forma ameaçadora, na tensão acrescida da chegada dos representantes da empresa no cenário-contexto da trama.

Na trajetória construtiva da ficção de entretenimento, a representação existente na Corporação Weyland-Yutani é denunciadora. São possíveis as descrições de temas como a desilusão da noção de progresso, as crises sociais e ambientais produzidas pelo processo monopolista e a dissecação das ameaças ao futuro produzidas pelo capitalismo extremo. Na década de 1980, as empresas “Leviatãs” (CHANDLER Jr; MAZLISH, 2005), corporações multinacionais descentralizadas, pareciam superar o Estado, e isso se amplifica na representação da Weyland-Yutani para além dos limites jurídicos e reguladores do planeta, quiçá do sistema solar. A crítica é transferida entre as empresas da realidade e seu reflexo, Weyland-Yutani, e esta, ficcional, metaforiza a crítica ao campo do verossímil. Para isso, a questão da crítica à existência da empresa não é pelos mesmos motivos de descrença na ciência, mas, sim, pelas impurezas que a avidez capitalista impessoal interfere no campo científico.

A fantasmagórica aura vilanesca da Weyland-Yutani tem seu ectoplasmático cordão umbilical na conexão entre tecnicismo científico e interesses capitalistas. O progresso científico é politicamente revolucionário e filosoficamente triunfante (CONNOR, 1993, p.

30), fazendo com que a crise diante da modernidade capitalista-científica não seja produzida diante das conquistas e benesses das ciências, mas das promessas não cumpridas de redenção da humanidade através delas. A criatura xenomorfa, o alien propriamente dito, “referência direta à violência sexual, porém, contra homens” (LIMA, S., 2019, p. 238), carrega em sua figura a animalesca ferocidade inserida em “estética grotesca sexual” (LIMA, 2021, p. 190), e é introduzida em um contexto humano, “entre a doença e o dragão” (LIMA, 2022, p. 935), pela decisória conveniência das ambições lucrativas da Weyland-Yutani.

A crise da Modernidade Científico-Capitalista é condicionada por diversas estruturas e camadas. O futuro não tão próximo na franquia Alien convoca o vislumbre das viagens espaciais e da potencialidade técnico-científica na criação de seres artificiais, mas se depara com a fatalidade da forma de vida alienígena e do capital empresarial-científico. Alcançar o espaço e colonizá-lo é uma das promessas mais recentes, atrelada aos avanços da física e da astronomia durante a corrida espacial armamentista na Guerra Fria (HOBBSAWM, 1995, p. 233; LEPORE, 2020, p. 644). O desgaste do período e a divulgação científica continuada alcançou a monotonia e os movimentos críticos à bipolaridade ideológica. A franquia Alien se encontra no processo de encerramento deste contexto, sem a inocência de ter no tecnicismo científico e nos avanços tecnológicos a emancipação humana.

A potencialidade da ruína da ideologia moderna se dá pela concepção da crise do próprio capitalismo em sua estrutura de fundamento racional-moral. Sua sobrevivência não exerce nenhuma satisfação qualitativa para a humanidade, sendo o contrário, que está alegoricamente evidente em Weyland-Yutani, de que a condição de sua manutenção é a degradação e precarização dos seres humanos. A companhia, grande vilã da franquia em seus primeiros filmes, e até mesmos nas retomadas em *Prometheus*¹², de 2012, e *Alien: Covenant*, de 2017, ambos dirigidos por Ridley Scott, é retratada como a megacorporação desumana e ambiciosa, condizente com a imaginação de um capitalismo futurista, persistente, sem perder seus alicerces presentes.

Com esse acervo conceitual, é possível produzir uma instrumentalização útil para o ensino de História ou mesmo o debate em História Pública. Vemos que as abordagens das ficções são bastante pertinentes para o Ensino de História (BITTENCOURT, 2008), a modalidade de conteúdos curriculares que constitui o saber formal sobre o passado. No processo de modernização humanística, o Ensino de História se transformou, abandonando

¹² O filme se insere como parte antecessora de *Alien*, de 1979, trazendo a figura do seu fundador, o empresário Peter Weyland, interpretado pelo ator australiano Guy Pearce.

sua estrutura de manutenção das hierarquias e contemplando o debate público e crítico da realidade social. Depois temos o conceito de História Pública (ALMEIDA; ROVAI, 2011; SANTHIAGO, 2016), que tem sido bastante usado, mas que converge todas as suas definições na concepção de diálogo com a sociedade que recebe, se apropria ou é atingida pelos produtos discursivos do campo historiográfico através da difusão. Ainda em construção, a História Pública serve, aqui, para a fomentação do debate sobre seus alicerces teóricos-metodológicos, pois ao escapar da tutela acadêmica pela audiência e consumo (MALERBA, 2017, p. 141), ela dialoga com as mudanças temáticas sintonizadas com o ensino.

Aplicando as condições de Ensino de História e dialogando e fomentando as mediações da História Pública, o saber historiográfico sintomatiza as ficções. Através de exercícios próprios, uso do produto filmográfico completo, suas seleções e seus recortes, ou mesmo o uso do construto metafórico para exemplificar estruturas da realidade através do exercício amplo da História Pública, a franquia Alien em seu personagem-produto Weyland-Yutani, promove possibilidades de diálogos com o contexto sociopolítico crítico à globalização do capitalismo nas duas últimas décadas do século XX. A origem genética ideológica da Weyland-Yutani está em corporações como a Dow-Dupont¹³, a Monsanto-Bayer¹⁴, a Syngenta-ChemChina¹⁵, dentre outras. A ficção nos assombra, mas também nos conforta em saber que são invenções imaginativas. Entretanto, essas companhias da realidade nos tiram o inocente conforto do sono da ignorância.

¹³ A empresa multinacional estadunidense da área da química existe desde 1802, esteve sempre envolvida com o setor militar. Fez parte do conselho da *Global Climate Coalition* (Coligação Global para o Clima), lobby internacional de resistente obstrução de políticas ativistas e de estudos científicos sobre as emissões de gases danosos à natureza e à vida humana (MCGREGOR, 2008, p. 11). A DuPont coleciona em seu currículo uma considerável quantidade de processos jurídicos que sofreu por ações de contaminação de solo e água, o que está representado no filme *Dark Water* (O preço da Verdade), de 2019. A empresa vem buscando alterar tal marca, com discursos de compromissos com a sustentabilidade. Esteve vinculada com a Dow entre 2017 e 2019.

¹⁴ No ramo da agricultura, com forte investimento em biotecnologia, a companhia Monsanto foi fundada em 1901, e adquirida pela multinacional alemã Bayer em 2018. Um dos maiores desafios da Bayer, ainda em processo, é o de melhorar a imagem da herança criminoso e catastrófica da empresa Monsanto, marcadamente nas agressões ao meio ambiente aos seres humanos, através dos danosos agrotóxicos. Matéria detalha o processo em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/06/06/bayer-compra-monsanto-e-tenta-apagar-historia-manchada-da-empresa>.

¹⁵ A empresa Syngenta, fundada em 2000, foi anexada ao grupo de propriedade da empresa Sinochem, estatal chinesa, entre 2017 e 2020. Também do ramo da biotecnologia para a produção de agrotóxicos e outros produtos para o setor agrícola. Apesar de histórico recente, menos carregado quanto comparado às empresas anteriormente citadas, a Syngenta-ChemChina está envolvida, também, em uma crise envolvendo terras e produção contra o Movimento dos Trabalhadores sem Terra no Brasil (MST). O movimento social libertário produziu diversos discursos acusatórios contra a empresa. Pode ser lido em: <https://mst.org.br/tag/syngenta/>.

Conclusão

A mudança de referencial analítico crítico nos possibilita o vislumbre de uma vilania menos exógena e mais condizente com a realidade social. Célebre ameaça, a criatura alienígena, o xenomorfo, carrega em sua sua própria carga metafórica, de monstruosidade (LIMA, 2022) e sexualidade (LIMA, 2021) violentas. A megaempresa fictícia da franquia Alien, a companhia Weyland-Yutani, ilustra com amplitude e descomedimento os perigos que uma empresa capitalista pode prenunciar quando seu poder extrapola limites diversos.

Essa visão negativa e pessimista de um futuro metafórico com o presente é fruto da compreensão de uma crise da Modernidade Capitalista-Científica. A conexão da concepção de subsistema econômico e relação social (BOBBIO, 1998, p. 141-142), o capitalismo, e o campo de construção e organização do conhecimento através do trabalho intelectual (HERBERT, 2015, p. 21), a ciência, interseccionam a eficiência técnica, mas, também, produzem o mal-estar de sonhos quebrados pelas disparidades das relações de poder. O controle da ciência e da tecnologia nas mãos da companhia, Weyland-Yutani, é descrito como produtor de desastres e ameaça à vida humana.

Não se trata de uma nova etapa após ruptura, mas de um retorno à inquietação e descontentamento causados e que são ainda ressoantes na pós-modernidade. De natureza político-ideológica, a crítica à Crise da Modernidade Capitalista-Científica presente na representação da ficção científica é um pano de fundo significativo o suficiente para exercer uma função na trama. A inventividade, a criatividade, a construção de um futuro humano nas estrelas, poderia sabotar a profundidade analítica, mas os efeitos da crise estão fortemente atrelados à realidade do contexto histórico de onde a ficção é herdeira diretamente. Entretanto, se faz enquanto crise diante dos discursos e narrativas do real, não mais meramente de delações das promessas não cumpridas da racionalidade burguesa, mas das ameaças constantes.

A ficção nos apresenta um futuro tão arrojadamente tecnológico quanto abusivamente precário, através de signos verossímeis. As ações da Weyland-Yutani são de destruição, sequestro do Estado (através de sua autonomia no silencioso espaço e nos corredores claustrofóbicos das naves), assimetrias econômicas dos integrantes, depredação dos bens comuns da natureza, os interesses industriais e militares do regime capitalista neoliberal, dentre outros. São condicionantes reconhecíveis em nosso regime socioeconômico-político.

Repousa a crítica através do suspense e drama ficcionais, mas também na assimilação do público.

Longe de uma pretensão documentarista, a obra fílmica de ficção científica e terror tem tais elementos como amadurecimentos narrativos e crítica contextual. A questão não é, então, que a franquia é uma amostragem marxista ou materialista histórica produzida pelos roteiristas e diretores e apreendida pedagogicamente pelo público. Mas, aceitando que “a recepção fílmica continua uma noção difusa e diversamente definida” (BAMBA, 2013, p. 20), não se pretende aqui buscar os resultados da representação à audiência através de uma consciência política. Por outra via, o que se faz de sugestão é a aplicação de tal potencialidade crítica que a produção ficcional faz da realidade para o ensino de Ciências Sociais e Ciências Políticas no que diz respeito aos usos e abusos de empresas e corporações sobre a sociedade e o meio ambiente. Como visto, a Weyland-Yutani herda seus duros ossos de tantos exemplos reprováveis da realidade concreta.

A ficção, e convém reafirmar isso com veemência, muitas vezes é a porta de entrada para conhecimentos diversos vindos das ciências. Quer seja ficção científica ou não, o seu exercício introdutório é pertinente às ampliações analíticas produzidas. A Weyland-Yutani é uma empresa capitalista verossímil, que estimula o drama assombroso no espaço longo, fomentadora de uma crise dos alicerces da modernidade, ainda latente na contemporaneidade dos produtos cinematográficos e mesmo deste texto argumentativo. Essa crise soa como eco, repetindo cacofonias de desconfiança ainda não resolvidas. Na elasticidade que ocorre entre a esperança e a conformação, uma natureza inerentemente humana retrocede o fruto da razão.

Referências

ALMEIDA, Juniele R.; ROVAI, Marta G.O. **Introdução à História Pública**. Editora Letra e Voz, São Paulo, 2011.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre Literatura e História da Cultura**. 3ª edição. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. Editora Brasiliense, São Paulo, 1987.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e Métodos**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco (Orgs.). **Dicionário de política Volume I**. Primeira Edição. Tradução de Carmen C, Varriale (et al.) coord. trad. João Ferreira; Rev. geral João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cacais. Editora Universidade de Brasília, Brasília, 1998.

BOOKER, M. Keith; THOMAS, Anne-Marie. **The Science Fiction Handbook**. Wiley Blackwell Literature Handbooks. Editora John Wiley & Sons, Sussex Ocidental, 2009.

CASS, Jeffrey. SS Troopers: Cybernostalgia and Paul Verhoeven's Fascist Flirtation. *Studies in Popular Culture*, Vol. 21, No. 3, abril de 1999, pp. 51-63. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/23414533>. Acessado em: 4 nov. 2024.

CHANDLER Jr, Alfred DuPont; MAZLISH, Bruce (Org). **Leviathans: Multinational Corporations and the New Global History**. Cambridge University Press, Nova York, 2005.

CHANDLER Jr., Alfred DuPont. **Strategy and Structure: Chapters in the History of the American Industrial Enterprise**. Cambridge: MIT Press, Massachusetts, 1962.

COGGIOLA, Osvaldo. A Historiografia entre Modernidade e Contemporaneidade. **Intelligere, Revista de História Intelectual**, nº 12, pp. 1-15. 2021. Disponível em <http://revistas.usp.br/revistaintelligere>. Acessado em: 4 nov. 2024.

CONNOR, Steven. **Cultura Pós-Moderna: Introdução às Teorias do Contemporâneo**. Editora Loyola, São Paulo, 1993.

FOUCAULT, Michel. **Os Anormais: Curso no College de France (1974-1975)**. Tradução de Eduardo Brandão. Coleção Tópicos. Editora Martin, Fontes, São Paulo, 2001.

HATHAWAY, Terry. Neoliberalism as Corporate Power. **Competition & Change**, volume 24, números 3-4, 2020, pp. 315-337. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1024529420910382>. Acessado em: 4 nov. 2024.

HERBERT, Thomas. Reflexões sobre a Situação Teórica das Ciências Sociais e, Especificamente, da Psicologia Social. *In*: PECHEUX, Michel. **Análise de Discurso**. Textos Seleccionados por Eni Puccinelli Orlandi. 4ª edição. Pontes Editores, Campinas, 2015.

HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Extremos: O Breve Século XX (1914-1991)**. Tradução de Marco Santarrita. Editora Companhia das Letras, São Paulo, 1995.

LEPORE, Jill. **Estas Verdades: A História da Formação dos Estados Unidos**. Tradução de André Czarnobai e Antenor Savoldi Jr. Primeira Edição. Editora Intrínseca, Rio de Janeiro, 2020.

LIMA, Savio Queiroz. Amazonas, Ciborgues e outros Gêneros: Propostas Educativas aos Estudos de Gênero e História Através da Ficção (Histórias em Quadrinhos e Cinema). *In*: MEDICCI, Ana Paula; LIMA, Marcelo Pereira. **Diálogos históricos e historiográficos. Anais do V Seminário de História Política** (5.: 2017: Salvador, Ba.), 21, 22 e 23 de novembro de 2017 [recurso eletrônico]. Salvador: UFBA, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/29402>. Acessado em: 4 nov. 2024.

LIMA, Savio Queiroz. “É um Dragão!”: Alegorias Medievais na Ficção Científica Alien3 (1992). **Anais da XV Semana de História Política: O legado freiriano para o século XXI – as interfaces entre História Política e História Pública / XII Seminário Nacional de História: Política, Cultura e Sociedade**. Organização: Aimée Schneider (et al.). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGH-UERJ), Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1Q2Gd0wNvHXuSozP1w49QytcilyMYoC8A>. Acessado em: 4 nov. 2024.

LIMA, Savio Queiroz. O Estupro de Homens em Alien: Metáforas de Estupro Masculino e Violência de Gênero na Franquia (1979-1992). **Anais do VI Seminário de História Política**

(VI SEHPOLIS): 130 anos de República no Brasil, Salvador, Bahia, Brasil, novembro 5-7, 2019 [livro eletrônico]. / Organizadores: Antonio Mauricio Freitas Brito e Marcelo Pereira Lima. – Salvador: UFBA, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/33613>. Acessado em: 4 nov. 2024.

MALERBA, Jurandir. Os Historiadores e seus Públicos: Desafios ao Conhecimento Histórico na Era Digital. **Revista Brasileira de História**, vol. 37, no 74, janeiro-abril de 2017, pp. 135-154. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-93472017v37n74-06>.

MARINI, Ruy Mauro. Dialética da Dependência. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, [S. l.], v. 9, n. 3, Salvador, dez. 2017, p. 325–356. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/24648>. Acessado em: 4 nov. 2024.

MCGREGOR, Ian. **Organizing to influence the global politics of climate change**. In: Australian and New Zealand Academy of Management Conference, University of Auckland (artigo em periódico), Nova Zelândia, 2008. Disponível em: https://web.archive.org/web/20160224193645/http://www.anzam.org/wp-content/uploads/pdf-manager/1355_MCGREGOR_IAN-274.PDF. Acessado em: 4 nov. 2024.

MELLO, Sergio Carvalho Benício de; MARÇAL, Maria Christianni Coutinho; FONSÊCA, Francisco Ricardo Bezerra. Os Sentidos do Trabalho Precarizado na Metrópolis: Fato e Ficção!. **Organizações & Sociedade**, v. 16, n. 49, Salvador, abr. 2009, p. 307–323. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-92302009000200006>. Acessado em: 4 nov. 2024.

TOURAINÉ, Alain. **Crítica da Modernidade**. Vozes, Petrópolis, 2002.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: Contribuição à Semântica dos Tempos Históricos**. Tradução de Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira; revisão da tradução César Benjamin. Editora Contraponto; Editora PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2006.

SANTHIAGO, Ricardo. Duas Palavras, Muitos Significados: Alguns Comentários sobre a História Pública no Brasil. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo. **História Pública no Brasil: Sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

SANTOS, D. V. C. dos. Acerca do Conceito de Representação. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, v. 6, n. 2, p. 27–53, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/28974>. Acessado em: 4 nov. 2024.

Recebido em: 11 de junho de 2024
Aceito em: 30 de setembro de 2024
